

A importância do correto diagnóstico da influenza na indústria de suínos

*Por Heloiza Nascimento**

Responsável por significativos prejuízos para a suinocultura – de US\$ 3 a US\$ 10 por animal, aproximadamente –, a Influenza Suína (IS), é uma doença respiratória viral aguda, altamente contagiosa e impactante para o setor. Ao serem infectados, os suínos apresentam febre, anorexia, prostração e tosse.

A transmissão ocorre por contato direto de secreções nasais de suínos infectados e de partículas suspensas no meio ambiente.

O suíno exerce papel fundamental na ecologia da influenza por poder produzir novas variantes do vírus com potencial zoonótico e pandêmico ([Vincent A, 2014](#)). Daí a importância do controle do vírus no plantel, já que esse potencial epidemiológico também pode afetar os humanos.

Essa contenção, no entanto, é bastante desafiadora, pela grande variabilidade genética do vírus, pelas coinfeções e pela característica endêmica assumida pelo vírus (granjas persistentemente infectadas com sinais clínicos menos evidentes). A introdução de animais infectados e a mistura a outros susceptíveis são fatores que mantêm o vírus circulando no plantel ([Naomi Komadina, 2014](#)). Além de um tema muito atual, a vigilância epidemiológica para o vírus da influenza tem sido bastante reforçada pela comunidade científica ([Vicent A, 2014](#)) ([Honglei Sun, 2020](#)).

Para melhores controle e vigilância, e para um direcionamento correto de tratamento, recomenda-se a adoção do diagnóstico.

[Jorge Garrido-Mantilla](#), por meio de diferentes amostras para diagnóstico de influenza – ambientais, de grupo e individuais –, demonstrou que as amostras ambientais e de grupo (deposição de partículas de aerossóis, toalhetes de superfície, toalhetes de úbere e fluido oral) são melhores estratégias de amostragem para a condução de vigilância ativa. Já as amostras individuais (suabe nasal, suabe orofaríngeo e toalhete de nariz) demonstraram ser a melhor tática quando se deseja obter isolados virais e sequenciamento genético. A presença do vírus no ambiente detectada nesse trabalho ressalta a importância e a capacidade de transmissão da influenza através do ar.

Os leitões de maternidade agem como um reservatório para influenza dentro das granjas ([Andres Diaz, 2017](#)). O ambiente e as porcas em lactação também são fontes de influenza para os leitões.

As estratégias de controle vigentes mostram que o uso de vacinas homólogas ao vírus presente na granja, após o declínio da imunidade passiva, tem

potencial para eliminar a doença. No entanto as vacinas heterólogas promovem apenas proteção parcial ([Jennifer J. H. Reynolds, 2014](#)). A vacinação em massa do plantel reprodutivo apresenta-se como uma relevante ferramenta para o controle da influenza, com potencial de reduzir a excreção do vírus e alterar sua dinâmica de transmissão ([Cezar Corzo, 2011](#)).

O H1N1 pode ser carregado pelo ser humano e contaminar os animais. Sendo assim, a melhor forma de prevenção é vacinar seu rebanho e também todos que têm contato com os animais na granja. Além de evitar a transmissão entre espécies (humanos e suínos), essa medida evita que recombinações genéticas do vírus aconteçam.

[As vacinas atuais para humanos](#) contêm cepas de influenza B (que não afetam suínos) e duas cepas de influenza A – (H1N1)pdm09 e (H3N2). Para os suínos, há disponível no Brasil uma vacina com o (H1N1)pdm09.

Em 2019, o vírus que mais circulou na população brasileira foi o A (H1N1)pdm09 (67% das amostras positivas para a influenza A), seguido do A (H3N2) ([WHO, 2020](#)).

Não há dados recentes publicados, no entanto, sobre a circulação do vírus da influenza no plantel suíno brasileiro. Mas, a partir dos dados disponíveis em humanos no último ano, podemos inferir que a influenza A (H1N1) pdm09 teve bastante impacto na suinocultura, uma vez que nós, humanos, temos grande responsabilidade na transmissão do vírus para os suínos.

Por isso, médicos-veterinários e a indústria de suínos exercem relevante função no diagnóstico da influenza porque fornecem aos pesquisadores dados importantes sobre a atual situação da doença nos plantéis e identificam precocemente possíveis mutações ou variações dos vírus circulantes.

** Médica-veterinária formada pela UFV, com MBA em Marketing pela FGV e mestranda em Ciência Animal pela UFMG, faz parte da equipe de assistentes técnicos de suínos da Zoetis.*